

# A mulher de Lot

PÉRICLES DA CUNHA

O dr. Ulysses, com toda a sua experiência, ainda não aprendeu a mensagem do Antigo Testamento: "A mulher de Lot olhou para trás e se converteu numa coluna de sal".

Ao lembrar o caso Rubens Paiva, na hora em que todo o Brasil olhava para o futuro que se descontinava com a promulgação da Constituição, deu a impressão de que discursava não para a Nação, como o líder maior da Constituinte, mas como o candidato a cortejar aquela minoria radical que, esquecida do perdão, vive deslumbrada a cantar loas ao ditador cubano.

Violências e desrespeitos aos direitos humanos ocorreram no passado recente, mas não é justo pinçar um caso reconhecidamente lamentável e condenável, para aivar feridas que a todos interessa ver cicatrizadas. Por acaso não era também sociedade o praticante de 18 anos que foi pulverizado por um carro-bomba enquanto guardava o Quartel do Ibirapuera? Um jovem totalmente inocente sacrificado por mãos tão assassinas como as que mataram Rubens Paiva.

A sociedade sempre acaba vencendo, como afirmou o dr. Ulysses, mas a inércia e o interesse menor de grupos podem levar a grandes sacrifícios. A sociedade, liderada pelo dr. Ulysses, clamou por "diretas já" em 1984 enquanto Tancredo Neves costurava um acordo de cúpulas para chegar ao poder sem o voto do povo.

A sociedade teria sido Ulysses Guimarães se no 15 de março de 1985 tivesse assumido a Presidência da República, como mandavam a Constituição e a vontade popular, e não concordado com a manobra de dar posse a um político despreparado e sem sustentação política.

O Estado dilapidou as reservas cambiais recebidas pela Nova República ao usar o Plano Cruzado para fins eleitorais. A sociedade elegeu a bancada majoritária de governadores e constituintes do PMDB e está pagando a conta dos desmandos da economia.



A sociedade elegeu majoritariamente o PMDB para a Constituinte e clamou pelos quatro anos para Sarney. Dr. Ulysses não foi a sociedade ao possibilitar que as burras abarrotadas do Estado neutralizassem seu partido a ponto de permitir que minorias concedessem os cinco anos, frustrando a vontade popular.

Não será aivando feridas do passado que construiremos uma grande nação, não será lembrando a Intentona de 35 ou os momentos difíceis do regime militar que resolveremos nossos problemas. Toda guerra é cruel e, se conseguíssemos filmar somente as ações de um dos lados, qualquer que seja, veríamos as atrocidades cometidas, todas dignas de facinoras.

tramos no século 21 é, no mínimo, uma perda de tempo de que não mais dispomos. Uma das poucas certezas que temos é a de que já nasceu a nossa força de trabalho para o primeiro quarto de século e o seu perfil não é nada promissor. Nossos problemas são tantos e tão complexos que somente serão resolvidos se tivermos a coragem de enfrentá-los olhando sempre para a frente e usando o passado unicamente como subsídio e nunca como fim.

Precisamos é de um estadista do porte de um De Gaulle que juntou os cacos de uma França mutilada pela guerra, restabeleceu a grandeza nacional e ganhou o reconhecimento de todos os franceses; de um Roosevelt que, recebendo de Hoover o cadáver de uma estrutura econômica aniquilada pela crise de 29, empreitou a sua ressurreição com um perfil no qual predominava a justiça social; de um estadista com a capacidade de sintetizar as demandas populares e seus anseios, e traduzi-los num projeto nacional que conte com o amplo apoio da maioria; que seu comportamento vise exclusivamente ao bem público com o resgate da verdadeira cidadania sem os medíocres "opção pelos pobres" e "tudo pelo social", que não passem de pura retórica a ocultar a verdadeira intenção de manter a pobreza sob controle para projetos eleitorais; que diga aos brasileiros: "vamos esquecer as rixas do passado e vamos lutar para que nunca mais ocorram lutas fratricidas, que a única forma de evitarmos retrocessos é através da criação de uma sociedade justa".

A luta deve ser para que a Constituição-cidadã, a Constituição-coragem do dr. Ulysses perca seus qualificativos e se transforme na Constituição brasileira que orientará o nosso futuro e não adquire o derradeiro e perigoso adjetivo de Constituição-decepção a dar razão aos pregoeiros da Constituição-utopia.

Não percamos tempo olhando para trás para que não caiamos no mesmo erro da mulher de Lot.

Péricles da Cunha é engenheiro.

Olhar para trás quando faltam somente 135 meses para en-